

linhas

#7 2016

revista
sobre **cultura**
eletroacústica

sumário

03 **editorial**
Alessa e Flora Holderbaum

05 **outro nicho binaural**
Julia Teles

08 **vr is the new black**
Alessa

10 **des-esperar (de) bocas e palavras paridas de desejo**
Danielle Antunes e Flora Holderbaum

13 **conversa com gabriel cevallos sobre o festival kinobeat!**
Isabel Nogueira e Luciano Zanata

17 **marcos campello - bamsa**
Henrique Iwao

editorial

Alessa e Flora Holderbaum

Salves sonoros neste dia maravilhoso de pós Fora Cunha!

A revista está linda. Obviamente!

E pra deixar os chacras abertos e livres de qualquer mal político, temos o texto da Julia Teles, que reverbera um texto antigo do Luis Felipe Labaki e fala sobre os usos terapêuticos das frequências e do binaural. Vale lembrar que logo mais teremos NMEChá, pra deixar todo mundo calminho. Em breve mais informações.

E quando você estiver entrando em alpha, não deixe de ler e ouvir a #colunaflutuante da Danielle Antunes e da Flora Holderbaum em seu #atoensaio e poético Des-esperar (de) bocas e palavras paridas de desejo .

Também temos a coluna de resenhas de Henrique Iwao, que desta vez nos traz o disco de guitarra solo experimental Bamsa, de Marcos Campello.

Esta edição ainda conta com a artista visual convidada Ana Paula Pereira. Ana se aletria em plantas, corpos e paisagens pela tinta e pela aquarela. Diz que quem pinta não é ela, mas a heterônima Catarina Rios.

Temos também a estréia da coluna duo de Isabel Nogueira e Luciano Zanata. Nela, os dois entrevistam o produtor musical e dj experimental Gabriel Cevallos, que conta sobre o Festival Kinobeats de Porto Alegre. A entrevista também nos dá notícias sobre prolíficos diálogos sobre festivais independentes de música experimental ao redor do Brasil.

E pra fechar a parada toda, temos o texto de Alessa sobre realidade virtual e os desafios que a tecnologia nos aponta no campo sonoro. Imersão, diversão.

Boas leituras e até a próxima!



outro nicho binaural

Julia Teles

“Imagine, se puder, ligar seu cérebro em uma faixa de áudio especialmente masterizada contendo uma poderosa – mas completamente segura – tecnologia de áudio que te lança em uma incrível experiência de foco, alerta e meditação profunda tão poderosa.... Que imediatamente começa a criar mudanças profundas e positivas na estrutura do seu sistema nervoso – e na sua vida!”*

Esse é o tal do Holosync. Me deparei com ele na internet uma madrugada dessas. Meio insone, meio gripada, resolvi ouvir um pouco. Deixo aqui alguns dos resultados dessa pesquisa.

A instrução é simples. Só ouvir. Alguns chamam de Instant Meditation (meditação instantânea). Já acho curioso essa palavra nesse contexto, parece que não depende muito do ouvinte, como se a música tivesse esse poder por si só. E pelo que vi no site, parece que é o que acreditam mesmo, que há uma ciência que determina qual som causa tal efeito. É a tecnologia e ciência do áudio e da acústica, causando efeitos psicológicos nunca tão rapidamente trabalhados!

Primeiro, achei muito curioso estabelecerem frequências específicas para ativar e equilibrar partes específicas do corpo.

Como por exemplo o 528 Hz ativando o terceiro olho:

<https://www.youtube.com/watch?v=2HNYr0ALbm8>

E o 936Hz, ativando a glândula pineal:

<https://www.youtube.com/watch?v=J4XILtCBJ3k>

*Imagine, if you will, plugging your brain into a specially mastered audio track containing a powerful—but absolutely safe—audio technology that launches you into an incredible experience of focus, alertness, and deep meditation so powerful... ... that it immediately begins to create profound, positive changes in the structure of your nervous system—and your life! (<http://www.centerpointe.com/>)

Fico me perguntando como alguém chegou nessas frequências, especificamente. Será que é pelo “tamanho” das glândulas? Se sim, esse tamanho não varia, de pessoa pra pessoa?

Existem também alguns vídeos, longuíssimos, para serem ouvidos enquanto se dorme. Alguns, de 8 horas, que são para estimular os sonhos lúcidos. Inclusive, dá pra estimular sonhos lúcidos eróticos!

(Não achei essa música nem um pouco erótica. A propósito, que desconfortável dormir de fone de ouvido...)

<https://www.youtube.com/watch?v=HpQ-chUrIYc>

E tem também uma categoria chamada Binaural Beats, em que cada ouvido recebe uma frequência, e entre elas, há um batimento. A frequência resultante determina o que está sendo trabalhado dentro do cérebro.

Esse vídeo aqui “guia” o ouvinte e vai explicando o que cada frequência altera.

<https://www.youtube.com/watch?v=9TD9S-M-5XSk&t=1s>

E eu pensando que os batimentos que eu gerei aí pelo mundo eram inofensivos...

Pros mais apressados, tem esse de alinhar os chacras em apenas 7 minutos (!):

<https://www.youtube.com/watch?v=F8kwc1lkiAQ>

Para mim, esse é um jeito meio futurista de se pensar a música e a tecnologia, estimulando nosso cérebro para que ele alcance um equilíbrio. Um jeito que, apesar de os vídeos terem muitas horas de duração, promete um efeito imediato. Você ouve a faixa e pronto. Os resultados



prometidos são vários. Parece ser um modo utilitário de usar o som terapêuticamente, e talvez essa seja a maior diferença em relação à musicoterapia – que, na verdade, conheço pouco, mas parece ser um trabalho realizado mais a longo prazo do que “instantaneamente”.

Bem, aos que curtem, ficam aí os links! Em mim, o único efeito foi um pouco de sono, talvez a gripe tenha impedido a mágica de acontecer no meu cérebro.

O Luis Felipe Labaki já falou sobre algo parecido nesse artigo aqui.

vr is the new black

Alessa

A tecnologia VR (Virtual Reality) é a nova darling das promessas tecnológicas. Mark Zuckerberg e os minos do Google já falaram que VR is the New Black.

Já flertamos bastante com a realidade virtual nas décadas passadas, mas o desenvolvimento da tecnologia de celular mostrou-se essencial para que esta fosse realmente acessível.

Para aqueles desavisados ou que ainda não adquiriram um torcicolo de tanto virar a cabeça, hoje o VR pode ser experimentado no teu celular, via aplicativo, ou via youtube. Basta adquirir um óculos projetado para o procedimento. Estes variam em preço e material, mas temos desde os chiques da Samsung até a versão DIY open source da Google, feita de papelão. Eu tenho um destes de papelão e descreditei que pudessem funcionar, mas eles funcionam mesmo. Uma opção de baixo custo é primordial para a popularização da tecnologia.

https://www.youtube.com/watch?v=e_X83KWY8o0

Por enquanto, o conteúdo existente para VR estão ligados a experiências do tipo: montanha russa, fundo do mar, espaço. Temos também uma linha “documental”, como a Google fez com as Olimpíadas do Rio, na qual a pessoa pode conhecer a cidade, subir no morro. Tudo com aquela sensação de “estar lá”.

Os games estão entrando com tudo nessa moda e até a indústria pornográfica já está interessada na tecnologia. Já podemos assistir alguns filmes com narrativas com os óculos e imaginar por onde o cinema caminhará no futuro.

No entanto, quase sempre quando falamos de som e imagem, a tecnologia, o orçamento, a preocupação dos projetos são voltadas para o ver e “se sobrar

algun dinheiro” resolve-se o áudio. Posso estar sendo injusta...mas a experiência vem me provando isso. Com o VR não seria diferente.

Toda a graça da realidade virtual é a independência de movimento. Você constrói sua narrativa dentro da cena, olha para onde quiser, presta atenção no detalhe que julgar ser mais importante. Por isso são mais eficazes os VR's ligados a imersão, experiências de sentido. Construir um filme no qual o observador pode não ver ações pretendidas pelo diretor (!!), é mais complexo.

https://www.youtube.com/watch?v=lil_I_-7aOM

Se por um lado ganhamos esta liberdade do olhar, na qual a visão finalmente saiu do 2D e 3D para entrar no campo do 360°, o áudio ainda não conseguiu esta independência. Irônico é o fato de que a escuta já é em si só uma experiência 360°, no entanto, muitos conteúdos em VR ainda são gravados em mono, ou seja, uma via de áudio único. Por quê?

Porque a escuta delata muito, qualquer deslize de sincronização arruinará o efeito pretendido. Imagina se ao estar num ambiente de realidade virtual, você vê algo à direita, mas o som disto está mais à esquerda ou ao centro. Ainda mais complicado se estes objetos sonoros estiverem se movendo dentro da cúpula 360°!

A gravação binaural, que reproduz com fidelidade o espaço, pode ser uma hipótese a ser estudada, mas também não dará conta 100% do recado. Pois não garante que o usuário irá reproduzir os mesmos movimentos feitos na hora da captação sonora.

Sincronizar objetos sonoros na cena VR de maneira a respeitar o movimento do usuário é talvez o grande desafio da tecnologia tanto de áudio quanto de programação para a realidade virtual.

Mas IMAGINEM quando isso for feito!!! O céu é o limite!

des-esperar (de) bocas e palavras paridas de desejo

Danielle Antunes e Flora Holderbaum

Des-esperar (de bocas e) palavras paridas de desejo,
areadas de desejo
aeradas de desejo
des-esperar : desanseio, desensaio, desencadeio
E que seja a concretude a falar mais alto
ou mais dentro

tento
calar a imaginação, a fantasia, a ilusão – ilusa o

Ainda esperançosas mudiáticas

Sim

Mudiáticas mediações iniciáticas

Aquilo que soa

mesmo mutado

iluso, iludo, lúdico, illho, ilha da magia

dá-lhe e lha trai

qualquer indício é suspeito

suspiropeito



Dis-trai, dis-corda, dis-caso
Se diz trair, se cala amar
Dizer o amor, se leal dar

merengue adocicado, de morangos suculentos e inflamados
sus-piro, res-piro, trans-piro
te(u) ins-pír(it)o
silêncios(os) peitos cheios ora vazios
Se dis trair
Seria
se render à si
quase
e vicejar

ensaio
pra saber esperar
(Sabedoriar)
saber esperar para saborear
ensaiar o sabor do amar
saboreio, e vou aprendendo a andar

Aquilo que ar-de gente
fogo-ar-água-ardente
ex-vai
ex-vazia
des-espera
res-pira





e viceja
já ou.vi
e que seja

PARA SABER MAIS:

“ins.pirações” nos Ensaios de Michel de Montaigne e nos Fragmentos de um discurso amoroso de Roland Barthes

<https://soundcloud.com/flora-holderbaum/vicejo-danielle-antunes-flora-holderbaum>

conversa com gabriel cevallos sobre o festival kinobeat!

Isabel Nogueira e Luciano Zanata

Uma conversa com Gabriel Cevallos sobre o Festival Kinobeat, para abrir nossa coluna a duo!

Gabriel é graduado em produção audiovisual pela PUCRS. Atua há mais de 10 anos na criação e produção de eventos ligados a música eletrônica, audiovisual e arte contemporânea em Porto Alegre. É idealizador e curador do Festival Kino Beat de som e imagem expandidos, que chega a sua 3ª edição em 2016, realizado em parceria com o SESC-RS. Foi o idealizador e curador da Mostra Kino Beat de filmes relacionados a música (2009, 2010, 2011) e do Kino Beat ao Vivo, evento de performances audiovisuais multimídia (2011, 2012, 2013). É idealizador e curador da coletânea KBEATS – Música Eletrônica Meridional, dedicada à produção de música eletrônica e digital gaúcha. Foi co-curador do evento paulista Green Sunset (2013) em sua edição em Porto Alegre, e co-curador da Mostra ArteSônica no Oi Futuro em Belo Horizonte (2014). Desde 2004 atua como DJ e há 9 anos produz a festa mensal NEON, que chega em sua 100ª edição em outubro de 2016, reconhecida como umas das principais festas do cenário eletrônico alternativo no Brasil. Trabalha desde 2008 como o principal parceiro de música eletrônica do Instituto Goethe no Rio Grande do Sul, trazendo artistas alemães para se apresentar no Estado. Trabalha também em colaboração com outras instituições para o desenvolvimento de seus

projetos, Secretária Municipal da Cultura de Porto Alegre, SESC, Consulado Geral da França e Embaixada da Suécia no Brasil são alguns dos seus parceiros.

duo: 1. *Como foi o início do Festival Kinobeat?*

Gabriel Cevallos: O Kino Beat nasceu em 2009 como Mostra Kino Beat de filmes relacionados à música. Foram 3 edições nesse formato de exibição de filmes, documentários, curtas, animações, clipes, que tiveram relação com o universo musical. Em 2010, paralelo à Mostra, eu criei o evento Kino Beat ao Vivo. Eram apresentações pontuais centradas na criação ao vivo de som e imagem. Foram 7 edições com esse nome, até que em 2014 tudo convergiu para o Festival Kino Beat, realizado em parceria com o SESC-RS.

2. *Como se estrutura o festival e quais as parcerias que tem hoje?*

O festival é ainda muito centrado em mim, em toda a sua parte de criação, curadoria e estratégias, mas para na realização e produção o SESC surge com toda a sua estrutura e equipe, geralmente 1 mês antes do início da programação. Além do SESC que é quem financia e co-realiza, o festival tem parcerias institucionais com a Embaixada da Suécia no Brasil, Aliança Francesa e Instituto Goethe, para vinda de artistas dos respectivos países. E o blog Loft55 que sempre faz uma cobertura especial do festival e de seus artistas.

3. *Como é a relação do festival com outros eventos nacionais e internacionais?*

Nesse exato momento está rolando uma articulação nacional de alguns festivais, Festival Novas Frequências, Bigorna, Música Estranha, Kino Beat, FIME, Fita Crepe e Ibrasotop, para que juntos possamos criar um espécie de liga de festivais e realizadores, aumentando o intercâmbio entre eles, participando de editais juntos, criando um ecossistema mais favorável para todos através dessa união. No exterior comecei esse ano uma aproximação com o Festival de Norberg na Suécia, o mais antigo do país, que se dedica à música experimental e afins, trocando experiências e também artistas. Espero poder levar em breve brasileiros para lá.

4. *Como o festival se relaciona com a cena local?*

Uma das missões do festival é justamente fomentar e atuar diretamente com a cena local. São os locais que movimentam a cidade durante todo o ano e seria um absurdo não ter a presença deles quando surge um festival com um pouco mais de estrutura e condições que o normal. Para a edição desse ano eu quis abrir o festival com o grupo Medula, que é ligado ao grupo de criação sonora da UFRGS, com uma formação de 11 pessoas no palco, justamente pra ter artistas locais na grande noite de abertura. Eles vão apresentar um espetáculo chamado Forças, criado especialmente para o festival.

5. *Além do festival o nome Kinobeat movimenta/produz festas e coletâneas, como acontece isto?*

A coletânea Kbeats – Música Eletrônica Meridional, vem da ideia de tornar as ações ligadas ao festival algo que aconteça o ano inteiro, e não por apenas 4 ou 5 dias por ano. A coletânea, que já está na sua segunda edição, busca fazer um recorte da produção eletrônica e digital gaúcha, sem restrições de estilos ou com um foco muito definido. É uma plataforma pra mostrar novos artistas, realmente criar um espaço e dar atenção à essa produção. As festas foram duas até agora, justamente pra celebrar o lançamento das coletâneas e poder botar os artistas participantes para tocar ao vivo.

6. *Como acontece o processo de curadoria do festival e das coletâneas?*

Costumo brincar que quem faz a curadoria do festival é o orçamento: a partir dele eu consigo pensar no que é viável fazer, e não o contrário. Mas sempre tento ter um equilíbrio entre a parte sonora e visual. Atrações e atividades híbridas são sempre as que melhor representam a essência do festival. Mas exploro de forma individual cada linguagem também e esse ano o festival se relaciona de maneira mais acentuada com as artes visuais, com programação em duas galerias de arte. Tudo pode dentro das premissas do som e da imagem.

Pra coletânea a seleção tenta ir do pop ao experimental, bem caótico mesmo, sem purismo e esnobismo.

7. Como tu vês o processo de inclusão de gêneros e da diversidade dentro do festival?

É impossível ficar indiferente a essas pautas. O mundo inteiro grita isso, mas evito ter um discurso populista e anunciar isso como uma “atração” do festival. Acho que está sendo natural trabalhar com mais mulheres, não só no line-up mais também pensando o festival. A arte queer também surge no festival, em uma exposição que vai abordar a club culture como expressão política e de arte.

8. De que maneiras a tua atuação profissional se relaciona com o festival?

Eu sou formado em cinema e trabalho como DJ há mais de 10 anos. Tento expandir essas linguagens, trabalhar nas extremidades e subverter ao máximo o cinema e a música eletrônica. O quanto mais eu puder me afastar do cinema tradicional e da música eletrônica de pista, mais possibilidades vão surgir. Não apenas por simples negação, gosto também do tradicional e continuo fazendo, mas isso já é bastante explorado por aqui. A curiosidade sobre as coisas é o que me fascina, essa eterna busca pelo novo (seja o que isso for).

9. De que forma projetas o festival no futuro, em uma perspectiva entre cinco a dez anos?

É tão sensível e complicado trabalhar com coisas não convencionais, que o simples fato de existir nos próximos 5 anos será uma vitória. Mas sou otimista, espero poder ainda realizar projetos que envolvam a cidade de forma mais ampla, grandes instalações, legados para cidade, projetos pedagógicos, mas de forma sustentável, sem ser megalomaniaco. Preciso aumentar a interlocução com artistas, público e instituições da cidade. Com esse engajamento o festival pode ter raízes ainda mais profundas nessa construção de sentido, arte e entretenimento.

marcos campello - bamsa

Henrique Iwao

Resenha para o Bamsa, de Marcos Campello, lançado independentemente como álbum virtual, 2015.

<https://marcoscampello.bandcamp.com/track/bamsa-inteiro>

1. Não à toa Campello, ao perceber que haveriam interrupções entre as faixas, começando de 1 até 9, quando tocadas no próprio site (bandcamp), já de cara introduziu o “BAMSA INTEIRO”. Ele queria manter a possibilidade de que cada improviso pudesse ser uma música, uma faixa em separado, mas gostaria de apresentar um conjunto ininterrupto, que termina cada etapa, mas já em seguida pula de uma abordagem para outra.

2. Mas o que aos incautos isso provoca? Ouvimos BAMSA e depois Bamsa. Álbum com um ritornelo: uma repetição idêntica do conjunto (ou quase – não fosse a demora possível no trocar de faixas, dependendo da sua conexão de internet, por vez da segunda escuta). Dèjà vu?

3. Eugène Ionesco, em Macbett, com “t” e não “h”, repete como farsa Shakespeare (embora uma farsa aberta: sátira). Mas não apenas isso. Após algumas páginas, podemos ler com uma sensação estranha e então dar-se conta de que os discursos de ambos generais Macbett e Bando são literalmente iguais.

4. Na dúvida, quando de 3 (os títulos das faixas são números), têm-se certeza, pode-se relaxar e saciar o gosto de quero mais que o álbum teria. E em uma próxima ocasião, ao precaver-se de ouvir apenas a faixa capital, aproveitar efetivamente a sensação de mas já? como aliás, Campello já fornecera em

álbuns junto ao Chinese Cookie Poets (e de parte dessa coluna, a qual pude observar do álbum de Tetuzi Akiyama).

5. Entretanto, nos seus 20 minutos, em que pese a brevidade, há um todo construído, ou seja, um todo tanto aberto quanto fechado (talvez para meu gosto haveriam mais faixas, sem grandes alterações do pensamento do álbum, mas nem por isso significa que nele faltem coisas – há remissões internas suficientemente certas – como uma forma a qual pode-se acrescentar módulos a mais, mas que não fazem necessariamente falta, exceto o fato da forma ser pouco extensa).

6. “acho que isso é parte do equilíbrio. Pensei além de ‘estilos’, em tipos de energia e em tipos de ambiente. Pra mim, cada faixa tem uma energia complementar, uma furiosa, uma lírica, uma meio largada, uma elegante, uma agressiva... E cada uma tem um som especial e específico. Nenhuma faixa tem o mesmo som de guitarra. Isso foi muito importante, porque traz muita vida. Quando você muda o ambiente, o som do ambiente de uma faixa pra outra, parece que você entrou numa outra casa, num outro quarto, num outro cosmo, traz uma carga poética e imagética incrível, e cada improviso tá permeado dessa carga, então, tem uma confluência que junta o som com a forma de tocar que acho que dá muita expressividade e força pra coisa”. {Marcos Campello, no Botequim de Ideias, na resenha de Fernando Augusto Lopes}

7. Nisso, Bamsa é mais eloquente e explícito do que Ghil, de Okkyung Lee. Ali, ainda há uma primazia do estritamente musical – o improviso certamente se adapta à distorção e aos ambientes, mas somente para surgir como campeão de uma contenda. Aqui, há uma habitação mais clara de cada espaço, uma mudança de cosmo, como Campello mesmo diz, e contraposições de estilo (não apenas musical, mas de gravação), além de postura (do compenetrado ao relaxado, com uma incursão ao esculachado, do bizarro ao matreiro, do estratégico/fleumático ao tático/impulsivo).

8. Uma gravação muito próxima, uma urgência, curta [1]. O espaço projeta apenas o agudo, o titubear é comedido e planejado para permitir crescer, desenvolver e por fim cadenciar [2]. Uma incursão ao digital com poucos bits, ao pixelizado, à sua caricatura – vinheta que antes de chamar interrompe (incursão caricatural) [3]. Retenção da caricatura – agora da natureza – pássaros em primeiro plano, clima sofá carioca (ao fundo há uma mata, ‘estou fazendo aqui um som, sem plugar’); esboço de transição – pássaros ao fundo e nas laterais [4]. Outro susto espacial, enorme ruído de fundo – descobrimos seu propósito, e entendemos sua antecipação – segunda interrupção, mas séria, como contraposição mesmo [5]. Um excelente som e sala, uma organizada retirada da centralidade da harmonia e da melodia, retendo as linhas e gingado: o tal do bamsa, sua energia [6]. O ‘tal do Vitinho’, paródia hermetiana – contraposição ao estilo sereno (embora humorado) e desenvolvido da faixa anterior; de lá (mpb), para o bem e também para o mal [7]. Agora (só agora, ao final) que tal afinar: afirmação irônica, talvez até mesmo ambígua, da necessidade ‘da harmonia’ – chegar ao acorde maior como quem chega ao que é mais impróprio (e ensaia até mesmo um titubeio na mudança de volume, ou um falso desejo de privacidade, como no final abrupto) [8]. Uma balada, um lamento (há repetições de sobras que atuam como quase-ladaínhas – corda solta); com descuido e até mesmo sobreganho na gravação, o espaço vacila e se arruma, durante – lembramos daquela intimidade diferente que também Goddard utilizaria – o ouvinte ouvindo a técnica acontecer; os ruídos ao final lembram da outra intimidade, local, que diz um adeus precoce.

9. Bamsa. Por acaso ouvimos um samba trocado, o plosivo pelo sibilante e vice versa (b<->s)? Não. A troca não é estrutural, mas mais como gaguejo (como falam tanto em ‘gaguejar a própria linguagem’). Se o free jazz soltou amarras, quando Campello toca solo, com a guitarra semiacústica, ocorre o

mesmo. O nome alude mais a um fundo, uma herança que às vezes emerge. Músicas amadas e tocadas com propriedade. Não há inversão rítmica ou estrutural, mas fantasmas do idioma. E diferentemente do Ionesco mencionado, se há humor, os improvisos são ensolarados. Não há tragédia nem reencenação.

10. Podemos falar em liberação de intensidades, juntas a espontaneidade que tanto permite quando se alimenta disso. Mas isso não bastava a Campello. Provavelmente por falta de contraste do projeto inicial, muito “violão sem voz” (i.e., guitarra semi-acústica). Ele queria imediaticidade. Por isso, de uma gravação feita de improvisos que imagino serem como 6, só 6 restou. Para resolver um problema, às vezes é necessário pressa. Mas teve de construir essa pressa, e nisso se passaram dois anos, conforme me confidenciou.

(ao mesmo tempo: quem sabe se o projeto inicial não matura, que a questão da “chatice de um álbum de guitarra solo” não tenha outras soluções; que Campello possa até mesmo transformar a chatice em algo tão interessante quanto fez com as supostas falhas dentro de Bamsa).

Notas de fim

[imagens] - Ana Paula Pereira
anapoesia.wordpress.com



Publicado originalmente em formato virtual (website) no dia 12 de setembro de 2016

Sobre a linda

A revista digital linda foi criada em 2014 como parte das atividades coordenadas pelo coletivo de música eletroacústica NME, ativo entre 2011 e 2018. Ao longo de mais de 50 edições, a revista reuniu autores de diversas regiões do Brasil e do exterior em torno do que se buscava caracterizar como uma cultura musical eletroacústica. Além de funcionar como um veículo de comunicação e espaço criativo de experimentação artística para os membros do coletivo, a revista buscou criar interlocução entre as cenas de música experimental de diferentes regiões do país, expandindo sua rede de colaboradores para além do estado de São Paulo. Por razões técnicas a linda foi retirada do ar em 2021. Com este projeto de reedição, a enorme quantidade de textos produzidos torna-se novamente acessível ao público em geral.

Coordenação Geral: Gustavo Branco, Julia Teles e Fernando Iazzetta

Diagramação: Elisa Bosso Fernandes e Ana Clara Gimenez

Apoio: NuSom e Berro

NUSom
NÚCLEO DE
PESQUISAS EM
SONOLOGIA

BERRO